



**Instituto de Humanidades e Letras, Campus do Malês**  
**Curso de Bacharelado em Humanidades**

**VANIA VIRGINIA MENDES CORREIA TAVARES**

**A CONCEPÇÃO DA MORTE NO POVO BALANTA PATCH DA GUINE-BISSAU**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2018**

**VANIA VIRGINIA MENDES CORREIA TAVARES**

**A CONCEPÇÃO DA MORTE NO POVO BALANTA PATCH DA GUINE -BISSAU**

Trabalho de Conclusão de Curso na Modalidade de Projeto, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras, para a obtenção Parcial do Título Acadêmico de Bacharel em Humanidades, sob a Orientação da Profa. Dra Rutte Tavares Cardoso Andrade.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE- BA**

**2018**

**VANIA VIRGINIA MENDES CORREIA TAVARES**

**A CONCEPÇÃO DA MORTE NO POVO BALANTA PATCH**

Trabalho de Conclusão de Curso na Modalidade de Projeto, apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras, para a obtenção Parcial do Título Acadêmico de Bacharel em Humanidades, sob a Orientação da Profa. Dra Rutte Tavares Cardoso Andrade.

DATA DE APROVACAO: 23/10/2018

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Doutora Rutte Andrade – Orientadora**

Doutora em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

**Prof. Doutor Esmaeal Tcham - Examinador**

Doutor em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Federal de Pernambuco - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

**Profa. Doutora Mighian Danae Ferreira Nunes – Examinadora**

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

## SUMÁRIO

<b>1 – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2 – JUSTIFICATIVA E PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>7</b>
<b>3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>8</b>
<b>4 - OBJETIVOS:.....</b>	<b>14</b>
<b>4.1 - Objetivo geral: .....</b>	<b>14</b>
<b>4.2 - Objetivos Específicos: .....</b>	<b>15</b>
<b>5 - METODOLOGIA .....</b>	<b>15</b>
<b>6 - CRONOGRAMA .....</b>	<b>17</b>
<b>7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>18</b>

## 1 – INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem proposito estudar a concepção da morte na grupo étnico Balanta Pach, da Guine Bissau, que estatisticamente encontra-se entre as etnias mais representadas na Guine- Bissau: Balanta com 22% e a etnia Mandiga com 14,7% das etnias locais (INE/GB.2009). Balanta Pach e uma etnia da Guine Bissau, que conforme a imagem abaixo encontra-se localizado na costa ocidental da África, com um território de 36.125km2, faz fronteira a norte com o Senegal, a este e sudeste com Guiné-Conacri, e a sul e oeste com o oceano Atlântico conforme mostra a imagem abaixo. Além do território continental, integra ainda mais de oitenta ilhas que constituem o Arquipélago dos Bijagós. Guine Bissau foi colônia de Portugal. Desde o século XV ate a sua independência, reconhecida por Portugal em 1974. Existe uma grande diversidade étnica em Guine com uma riqueza cultural e humanística de valor imensurável. Importa deixar presente que os grupos étnicos e suas respetivas características culturais não são mensuráveis através de padrões numéricos.



CASSAMA, Júlio Lopes Suares Daniel (2014, pg.18)

Os balantas são grupo étnico dividido entre a Guine Bissau, o Senegal e a Gambia. São o maior grupo étnico da Guine Bissau, representando mais de 22% da população total do país. As populações estão subdividida em vários grupos, cada grupo falando uma língua diferente. Eles são um único grupo étnico da Guine-Bissau, sem um chefe ou um líder

reconhecido. A base da sua estrutura política e comunitária, dirigida por um conselho de anciões. Todas as decisões importantes, entre os balantas são definidas no conselho dos anciões. Para se tornar um ancião, membro do conselho comunitário, o candidato terá que passar por um processo de iniciação, como um dos princípios estruturante do sistema cultural africano, assim como a sacralidade, espiritualidade, musicalidade, coletividade, *ubuntu* (segundo o filósofo africano J. Mbiti e uma ética africana que traduz a humanidade na sua essência: *eu sou porque nos somos e porque nos somos, portanto eu sou,*), unidade, restituição, entre outros.

Segundo Pe. Abulai (2014), os Balanta emigraram de Egito, Sudão e a Etiópia para escapar a guerra e a seca. Também procuravam espaço para cultivo e pastagem dos gados, e podem ser divididas em seis subgrupos: Balantas<sup>1</sup> bravos, Balantas cunantes, Balanta de dentro, Balanta de fora, Balanta manes, Balantas nagas e Balantas patch”. Cada grupo tem alguns traços linguística que lhe diferencia do outro, assim como a sua manifestação cultural. No que tange a sua origem, segundo a tradição oral, os balantas emigraram desde Kemet, conhecido hoje como Egito, o Sudão e a Etiópia para escapar da seca e das guerras. Atualmente, encontram-se principalmente nas regiões Oio, Sul e centro da Guiné Bissau. Do ponto de vista etimológico balantas significa aqueles que resistem, eles são largamente animistas, nas suas crenças.

Balantas Pach a semelhança de outros grupos étnicos tem a sua identidade étnica que o difere de outros grupos. Eles povoam o litoral porque são exímios orizicultores (lavoura de arroz), assim como a prática de agricultura de sequeiro evoluída de milho, feijão, fundo, mancara e tubérculos. A lavoura constitui uma das características culturais fundamentais do povo balanta, principalmente o cultivo de milho e arroz. Além disso, a criação de gado representa outra fonte de rendimento para o grupo. Os gados têm uma importância simbólica para o grupo étnico, visto que são utilizados nas cerimónias fúnebres, e outro evento sagrado e profano como a celebração das festas de casamento, batismos, entre outras.

Segundo os valores tradicionais do grupo étnico balanta Pach, a família não constituída aso pelos vivos, estes e os ancestrais falecidos, realça a unidade da estrutural sócia comunitário do grupo. Pois, o valor da pessoa na família, o nascimento de um filho constitui motivos de grande celebração. Deste modo, a doença tem sempre uma dimensão

---

transcendente, provem de alguém ou de algum fenômeno ou evento que deseja nos atrapalhar. Neste sentido a velhice e concebida como uma dádiva e a morte como o fim de um ciclo.

Diante disso, decidimos centralizar a nossa pesquisa especificamente na sociedade dos povos Balantas Patch, procurar entender como é que este povo concebe a morte. Neste caso, a nossa pesquisa será exibida na forma do projeto, e desenvolvida em torno da concepção da morte do povo *Balanta patch*<sup>2</sup>. No entanto, o desenvolvimento do nosso projeto de pesquisa terá como a referência orientadora a obra de Pe. Abulai Sanha, na sua obra intitulada Funeral dos Balantas patch no contexto da pastoral funerária cristã, para uma evangelização inculturada e um dialogo convergente. Pe. Abulai Sanhá filho de Albino Sanhá e de Rosa Embana nascido em 06 de outubro de 1984. Fez o ensino primaria no seu bairro Cuntum na escola Externatio Mário Dias, fez o 11º no liceu Joao XXIII, concluiu o 12º em Cabo Verde no liceu Abrolhos. Fez curso de Filosofia e Teologia no Seminário Maior Dom Settimio Arturo Ferrazeta em Bissau. Foi ordenado Diácono em 9 de maio de 2015 e Sacerdote no dia 14 de novembro do mesmo ano, agora trabalha como vice-reitor, ecônomo e administrador da Cúria Diocesana de Bissau (SANHA. 2018, Outubro).

## 2 – JUSTIFICATIVA E PROBLEMA DE PESQUISA

O interesse em trabalhar com esta temática teve a sua gênese no meu último ano de ensino secundário na defesa de tese do meu primo cujo tema era: “Ritos fúnebre do povo papel”. O apreço pelo tema, foi crescendo, uma parte com a minha participação em várias cerimônias fúnebres, principalmente dos Balantas, constatando a forma como são celebradas. Por outro lado, sempre a minha avó me dizia que quando ela morresse no momento da cerimonia, “*toca choro*”. Eu, na qualidade de neta, tenho a responsabilidade de sacrificar um animal. A partir daí, surgiu a minha inquietação em tentar entender a concepção do povo balanta Pach sobre a morte.

Na sociedade guineense, a boa parte da população sobretudo da camada juvenil defende que os ritos funerários tradicionais é uma prática atrasada e negativa. Julgam que a maior parte da riqueza dos grupos étnicos que praticam esse ato é guardada para compras dos animais, vinho, tecidos e arroz, e assim a prática só serve para aumentar a pobreza na

---

<sup>2</sup> Balanta Patch- é subgrupo dos Balantas que se encontram maioritariamente na região de Oio, setor de Binar, concretamente em “Patch M’dam”, que quer dizer Patch grande.

comunidade, sem entender o valor que a prática tem para este povo, neste sentido que o nosso trabalho poderá contribuir para a desconstrução desta imagem e a compreensão de verdadeiro sentido da prática “toca choro”.

Por outro lado, existem poucas produções acadêmicas relacionadas a essa temática tendo em conta à própria conjuntura do país, no que tange ao incentivo da pesquisa. Não ignoramos esforço de vários autores que se debruçaram sobre o tema num contexto mais abrangente e não especificamente relacionada ao Balanta Patch. Neste contexto, este trabalho poderá servir de contribuições para os futuros pesquisadores que irão debruçar sobre a mesma temática. O presente trabalho também poderá servir como material didático para o ensino e a divulgação da cultura Balanta Patch. Mesmo eu como um balanta, não conheço bem as práticas deste povo, por isso que a pesquisa poderá servir como uma forma de adquirir mais conhecimentos sobre as práticas fúnebres do povo balanta patch, preservando e divulgando os conhecimentos rituais, e seus significados dentro da comunidade além disso, pensar a aplicabilidade da Lei 10.639/2003, este projeto de pesquisa terá importante contribuí no processo de socialização de conhecimentos da cultura africana do continente, mais especificamente a cultura do grupo étnico da Guine Bissau dentro da Universidade, contribuindo na socialização da diversidade e pluriversalidade que marca a cultura e história africana no continente e na diáspora. Desta forma, o incentivo pelo tema consiste em indagar como o grupo étnico balanta Pach concebe a morte, considerando os rituais fúnebres realizados e seus significados simbólicos na sua cosmovisão?

### **3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A forma de conceber a realidade e os fenômenos sociais é a prática inerente em todas as sociedades, por estes motivos, destacaremos os principais conceitos que sustentarão a fundamentação deste projeto de pesquisa. A etnia e uma abordagem em vários estados e cada autor traz a sua contribuição. A definição de etnia apresentado pelo autor Lopes (1982) como sendo uma etnia caracterizada por uma mesma religião e, sobretudo pela consciência coletiva de pertencer a sua comunidade (LOPES, 1982). Barth (1969) aborda os grupos étnicos como uma forma de organização social, sendo o traço fundamental destes a auto atribuição ou imputação por outros de uma categoria étnica.



O conceito da etnia na Antropologia em especial, se estrutura segundo Frigoli (1984) e Oliveira (1976) num processo de construção da cultura por um grupo no qual os sujeitos se reconhecem. Para Baton (1998), estes grupos e suas categorias étnicas baseiam-se nas crenças da ancestralidade comum de seus membros, contudo adquirem o significado através do sentimento de cultura compartilhada e de condições de existência compartilhada (BOTON, 1998, p. 197). Diante disso, os autores acima citados demonstram que a etnia é um modo de organização de um povo numa determinada sociedade, através do qual eles se identificam.

É fundamental os questionamentos sobre a concepção da cultura como categoria analítica de fundamental importância para a compreensão da concepção da morte na etnia balanta Patch. Na concepção de Cuche (2012), a noção de cultura é inerente a reflexão das Ciências Sociais. Segundo o autor, de certa forma, ela é necessária, de certa forma para pensar unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos, já que ela parece fornecer as respostas mais satisfatórias a questões da diferença entre os povos. Assim, se todas as populações humanas possuem a mesma carga genética, elas se diferenciam por escolhas culturais. A noção de cultura é o instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizadas dos comportamentos humanos. A própria natureza é interpretada pela cultura. Ainda o mesmo autor salienta que nenhum fato é puramente natural no ser humano: mesmo aquelas funções que correspondem a necessidades fisiológicas (fome, sono, desejo sexual, entre outros) são prevenidas pela cultura: as sociedades não dão as mesmas respostas culturais a estas necessidades.

Sendo o uso do termo cultura muito amplo e complexo apresentaremos aqui a definição que se afirma com a contribuição do antropólogo Edward Tylor, que o concebe como um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, leis, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo ser humano como membros de uma sociedade (TYLOR, 1871). Por sua vez, a tradição/cultura significa segundo Hobsbawm Ranger (1997) um conjunto de práticas, normalmente regulada ou abertamente aceita (HOBSBAWM RANGER, 1997, p.9). De acordo com os autores citados, as práticas com caracteres ritualizados ou simbólicos incluem certos valores e normas de comportamentos repetidos que sucessivamente provoca um seguimento da relação do sujeito com o passado (HOBSBAWM RANGER, 1997).

É interessante pontuar aqui que os conceitos de cultura e múltipla é nem sempre são coerentes, pois os fenômenos sociais abrangentes aos objetos de estudos das ciências Sociais

soam habitualmente englobados como cultura e práticas culturais ou nível cultural da escolha do comportamento por consequências (SAMPAIO; ANDERY, 2010 *apud* SKINNER, 1981). Por isso, e dentro deste marco conceitual mais amplo de condições, valores e restrições do contexto no qual estão inseridas, e desde os quais as pessoas pensam, vivem se desenvolvem e atuam.

Estes rituais são definidos por Glenn (2004) como padrões de conteúdos comportamentais semelhantes, resultantes, normalmente de semelhanças nos ambientes. A existência de semelhança comportamentais de vários indivíduos é a única para que padrões comportamentos sejam classificado como prática cultural.

Para entender melhor como se constrói a pratica cultural, é interessante a explicação que os autores Sampaio e Andery (2010) deram a esta: eles utilizam o termo propagação de que o comportamento para explicar o indicar de fenômeno social e as práticas culturais que só aprendidos e sucessivos para determinados indivíduos. Para a sua compreensão eles usam uma formula explicando o fenômeno: quando o indivíduo A afeta um indivíduo B de modo produzir em B um comportamento similar ao seu, ou de um terceiro que é o C, significa que o B tem a tendência de propagar o mesmo comportamento para os outros indivíduos e assim vai se formando os comportamentos por diante (SAMPAIO; ANDERY, 2010). Sendo assim, o processo de propagação de comportamento da prática cultural envolve um amplo comportamento de vários indivíduos.

Estas definições apresentadas nos permitem sintetizar e dizer que a concepção da morte pode ser entendida como um conjunto de práticas culturais que abrangem as normas culturais e os costumes de cada povo, e que no caso consiste em praticas, rituais que envolvem a espiritualidade e crenças adquiridas pelos membros de uma etnia.

Os Balantas Patch têm as suas crenças tradicionais, mas apesar dessas crenças acreditam em Deus, considerando-lhe o dono da vida que está acima de tudo. Conforme Pe. Abula Sanha (2014) este subgrupo acredita que vivem numa comunidade construída de três mundos: o primeiro mundo é espiritual que está ligado diretamente com Deus, onde se encontram aqueles que ainda não nasceram, porque na sua crença, existência física é pré-existência espiritual no real. O segundo mundo é dos antepassados, considerados como mediadores da vida, um mundo invisível que se encontra num espaço não longe do mundo espiritual. O terceiro mundo é dos vivos o mundo visível em que os vivos só se concebem na

sua relação e com tudo o que provêm da fonte que é Deus.

No que tange ao valor e dignidade das pessoas na concepção do grupo étnico balanta patch existem ritos ou normas educacionais que ajudam o indivíduo a integrar na sua comunidade e conhecer a sua própria cultura, cumprindo com essas normas a pessoa ganha mais reputação na sociedade. Um dos ritos que faz de um homem uma pessoa responsável é o rito da circuncisão que é considerada a última fase na vida do homem. Depois desse rito, passam a chamar esta pessoa de “LAN DAN” literalmente homem velho, ao cumprir com esse ritual a pessoa pode casar e arrumar a sua família.

O que diz respeito aos femininos podemos destacar a fase de “sade”, a fase que a mulher toma a responsabilidade da casa, pois para Balanta patch uma mulher que não dá luz não tem respeito na comunidade. Conforme Cammiller (2010) “a mulher fecunda, se por um lado é reconhecida como muito importante para a comunidade da família, por outro lado, é temida pela a sua perigosidade que pode advir o sangue menstrual.”

No que tange a concepção da morte na etnia balanta Pach, segundo o pesquisador Junior (2000) O que é morte? palavra grega que designa a morte é *thanatos*, que significar morte ou pena de morte, ou seja, fim da vida, fim da existência, desapareção de sob o sol, do ser que era conhecido por um nome, sua família, sua posição social, o que representava para o conjunto da comunidade ao qual fazia parte.

De acordo com Pe. Abulai (2014), na sociedade dos Balantas patch, a morte é uma realidade comunitária, um rito de passagem, na medida de que permite a pessoa passar do mundo dos vivos para mundo dos antepassados. Uma passagem que não cria rotura. Sendo a morte um rito de passagem, realidade comunitária, onde lide (alma) se separa do lité (corpo), os Balantas patch vivem, assumem e manifestam a morte quando ela chegar na idade velha considerada a sua hora. Por outro lado, na sociedade de Balanta patch cada morte tem o seu significado, ou seja, a morte acontece por um motivo explicável.

Desta forma, quando uma pessoa idosa morrer é celebrada como uma festa, e quando for um jovem não é boa assim como de uma criança. Para Balanta patch existe três tipos de mortes: A morte de feiticeira, a morte de irã e de velhice. A Morte de feiticeira, é a morte que causa muita dor para os parentes do ente, pois os Balantas patch, acreditam que feiticeiro é aquela pessoa que tem o poder de pegar a alma de um indivíduo e esconder num abrigo, bem

seguro, e na tentativa de a esconder a alma que a doença desde indivíduo fica piorando cada vez mais. E se não houver a reação por parte da família desde indivíduo o feiticeiro acaba por matar a alma, por consequência o seu corpo também acaba por morrer.

A morte de irã, esta morte acontece principalmente com as pessoas consideradas feiticeiro, que por sua vez faz um pacto com o irã, o não cumprimento do pacto por parte da pessoa leva os dois a entrar em guerra, num encontro com irã, se o irã apoderar mata o logo. E esta morte de irã são mortes de tipo: acidente, suicido, afogamento e entre outras. A morte de velhice, é a morte considerada natural e ela não tem nenhuma outra explicação, e quando acontecer é celebrada com muita emoção por toda aldeia.

*A ideia da lidé (alma) e da vida depois da morte* para os balantas Pach, remete-nos a concepção da ancestralidade no contexto da cosmovisão africana continental e diásporo, como princípio estruturante. Pois, segundo o pesquisador Junior (2000), ideia de alma na Grécia arcaica e clássica antiga é uma ideia oriunda da tradição mítico-religiosa que teve surgimento em Creta sob o domínio da civilização minoica, sendo esta considerada o berço cultural de muitas das crenças que chegaram ao período clássico (JUNIOR, 2000, p.11). O povo balanta patch a semelhança dos outros povos são religiosos e acreditam que existe a alma. Segundo Cutsou (s/d) para os Balantas existem mais de duas almas numa só pessoa, para tal mesmo que os feiticeiros destruíram uma dela, outra passa para viver eternamente no lugar dos mortos e outra ainda volta para renascer.

Segundo Abulai (2014) os Balantas patch chamam a alma de “lidé” que é considerado um elemento espiritual pois, segundo este povo a alma é que completa o corpo, e ao morrer uma pessoa a alma separa do corpo que é chamado de “lité”. Para os Balantas a morte não é o fim de tudo, mas um rito de passagem para um outro mundo, uma pessoa ao morrer continua mantendo uma relação com os vivos e tem a tarefa de os proteger. Ainda segundo Pe. Abula (2014. pg.11) “a pessoa, ao morrer, permanece sempre em relação com os vivos respeitado na memória da sua descendência. Uma tese que reafirma que a vida não acaba depois da morte, é a partir desta ideia que os Balanta patch acreditam e falam da ideia dos antepassados”.

O encontro com os antepassados, *o pesquisador* Segundo Abulai (2014) “o homem Balanta é uma unidade multiforme: físico-psíquico-espiritual e ao morrer passa para o mundo invisível. Mas essa passagem não garante aproximação e nem o encontro com os

antepassados. Mas é uma das condições necessárias e indispensáveis para aproximação e o encontro com eles”. De acordo com Brígida Carla Malandrino (2010):

Baseado nas leis da tradição bantu é possível afirmar que o espírito é a pessoa na condição de falecido. O espírito é alguém que viveu no mundo visível e já passou pela morte, o que gerou uma transformação profunda, que lhe proporcionou uma nova maneira de ser. Apesar de ele se encontrar no mundo invisível, o espírito continua a ser membro da comunidade e do grupo familiar a que pertencia durante a vida. O fato dos antepassados desempenharem a função de intermediários entre o Ser Supremo e os seres humanos, faz com que tenham poderes, mas limitados, pois dependem da sua união com a força vital e com o Ser Supremo (MALANDRINO, 2010).

Na concepção de Nhuta (s/d) para os salantas, os velhos falecidos têm papel muito importante na vida dos vivos porque transformam espíritos para servirem de guardas dos vivos; são poderosos para abençoar e amaldiçoar os vivos; entram nos vivos a fim de lhes capacitarem para ser videntes; também têm a responsabilidade de transportar os falecidos para o lugar dos mortos. Ainda Abulai (2014) :

os antepassados não são considerados Deuses, nem adorados, mas tem culto-veneração, que “não contradiz o culto dos santos”, porque são interlocutores imediatos entre Deus e os Homens. Os antepassados são o centro de atração e o princípio da comunhão entre os seus descendentes; são garantes da vida moral no seio da comunidade; são considerados os mais próximos de Deus (ABULAI, 2014)

Em suma, entende-se que os Balantas acreditam que os antepassados continuam a manter uma ligação com a comunidade, e desempenham papel de intermediário e protetor da comunidade dos vivos.

A necessidade de “singh ni gritch (toca choro) nas cerimônias fúnebre são simbólicas. Esta cerimônia normalmente acontece na época de campanha de caju, a época em que a produção do vinho de caju aumenta. É nesta cerimônia que se faz ideia do valor do ente. Para a realização de toca choro toda a família tem que contribuir para compra de vinho, aguardente, arroz, e as comidas para os participantes. Conforme abulai defende, nas suas próprias palavras:

o “singh ni gritch”, é destinada a contentar o morto, para que não volte para fazer mal à família. Para fazer bem e proteger pessoas, consultam os adivinhadores e através da sua alma, indica o tratamento a fazer. O rito de “singh ni gritch” tem valor para o sufrágio das almas dos entes queridos. É uma cerimônia fúnebre dedicada a um jovem ou adulto iniciado. Fazendo este rito, a família sente-honrada por ter cumprido o seu dever e obrigação. A necessidade de “psigh ni gritch” para os Balantas patch tem dois motivos: o primeiro é transcendental e o segundo é terreno. No sentido transcendental é para familiar o repouso eterno da sua alma. No sentido terreno, tem a ver com o medo. Um fator determinante, porque todas as causas e as desgraças podem ter origem no não cumprimento desse rito (ABULAI. 2014, p.13).

Durante a toca choro é usado um instrumento chamado bombolom<sup>3</sup>, segundo a tradição oral este instrumento é utilizado para anunciar às aldeias vizinhas o início da cerimônia, ainda segundo Abulai (2014) “o toque de bombolom , além de ter dimensões social, tem também uma dimensão transcendental, na medida em que é também a forma de comunicar aos antepassados de que parte deste mundo o seu descendente”.

Segundo Fernando (2015) “esta cerimônia surgiu de uma forma mítica para invocar a alma das pessoas falecidas. Nesse rito se fala indiretamente com eles, através da rega de sua sepultura com sangue de animais, que lhe servirão de riqueza noutra mundo. Segundo a tradição Balanta, quem não realizar essa cerimônia para o seu ente querido passa azares na vida”.

## **4 - OBJETIVOS:**

### **4.1 - Objetivo geral:**

- Com este trabalho propomos aprofundar a nossa compreensão sobre a concepção da morte da cosmovisão do subgrupo balanta Patch, considerando as suas praticas culturais e tradicionais realizadas durante as cerimônias fúnebres.

---

<sup>3</sup>Bombolom é utilizado para comunicações, informações entre as aldeias. Hoje, é usado mais para sons musicais e nos "Toca choro", para contar a biografia da pessoa em questão, através de sons.

#### 4.2 - Objetivos Específicos:

- Compreender as representações sociais dos Anciões/Anciãs, Adultos, Jovens e Mulheres acerca da cosmovisão do ritual da morte neste povo;
- Descrever as práticas fúnebres da etnia balanta pach e a sua relevância na cosmovisão deste grupo;
- Explicar a relevância deste ritual para manutenção da coexistência social dentro deste subgrupo;
- Explicar a representação simbólica de “singh ni gritch”, para os Balantas Pach.

### 5 - METODOLOGIA

Justificados os passos do movimento analítico que introduzem este problema de pesquisa, segue outra indagação: Quais são as outras escolhas metodológicas que definem o seu contorno? Esta investigação possui um desenho metodológico qualitativo e o trabalho de campo será realizado na Guiné-Bissau com o subgrupo étnico balanta pach. A escolha por esta comunidade se baseou em dois critérios: Por ser uma comunidade onde nasci e cresci e pela complexidade e riqueza que caracteriza as cerimônias fúnebres.

O próximo passo na descrição do desenho deste estudo se refere à caracterização do universo da pesquisa. Os participantes do estudo serão selecionados considerando: a heterogeneidade de variáveis como idade, gênero, gerações que são matrizes diferenciadoras. A obtenção e produção de dados serão realizadas por meio do trabalho etnográfico, da observação dos moradores da comunidade, analisando práticas concretas experienciadas no contexto da investigação. Este material comporá o registro do diário de campo, em que serão compiladas ações individuais e coletivas, processos significativos que envolvem a complexa dinâmica descrição relacional do aprendizado, a dos contextos em que a ação acontece, a linguagem utilizada pelos atores sociais no campo, o que estes definem como interessante na prática da agricultura familiar.

Para efetivar a triangulação dos dados, outra técnica de coleta de dados adotada será a realização de entrevistas semiestruturadas com internos, com o grupo étnico Balanta. O

fechamento da amostra levará em consideração a saturação teórica, momento de interrupção da captação de informações devido à redundância dos dados (FONTANELLA et al. 2008).

A escolha por traçar este desenho para a pesquisa não se realizou sem antes me colocar atenta às características do objeto de estudo, que exige formas específicas de olhar e de proceder, e que também oferece pistas, para as quais o pesquisador não deve fechar os olhos. Decidir o recorte de uma investigação, definindo o que é necessário ou acessório para explicar o problema que ela propõe, faz parte de um jogo que marca a própria economia intelectual. Demanda uma sensibilidade técnica, que advém da experiência, do conhecimento do campo e do método que, como enfatiza Heidegger, não é um mero instrumento, já que “não apenas propõe o tema como o impõe e o subordina” (HEIDEGGER. 2003, p.137).

Estar no campo, coletar dados e assumir uma posição de abertura para se surpreender com os rumos da investigação, com seu movimento de idas e vindas, com o recorte mais acentuado que vai sendo dado ao estudo após ouvir o que o campo faz ecoar, nos permite perceber como acrescenta Espinheira que: “o pesquisador não é livre, ele depende do que pesquisa é guiado pelo seu objeto de estudo que o leva [...] como um personagem de ficção leva o autor a seguir suas injunções no campo do desconhecido” (ESPINHEIRA. 2008, p. 41).

Este projeto de pesquisa então representa o esforço de construção de um ponto de vista, que não é o único possível para a análise do fenômeno que compõe esta investigação. O modelo de análise que será apresentado nesta pesquisa pretende caminhar no sentido de elaborar novas hipóteses e categorias que possam abrir espaço para que estudos alternativos sejam realizados para aprofundar e traçar outros itinerários possíveis de investigação do fenômeno em questão.

A pesquisa a ser desenvolvida com base nesse projeto está planejada para ter um período de duração de quatro anos, iniciando-se no primeiro semestre de 2018. Desse modo, as análises e discussões teóricas efetuadas ao longo das aulas neste curso podem ser mais bem articuladas com as percepções de campo, possibilitando não só um melhor entendimento dos dados coletados, como um amadurecimento teórico do tema que aqui me proponho estudar. Levando em consideração minha experiência no campo desta pesquisa, assim como o número de atores sociais que já possuo contato acredito ser viável, no tempo previsto, a realização do proposto para essa pesquisa. O planejamento de atividades e seus respectivos períodos de realização podem ser visualizados no quadro abaixo:



## 6 - CRONOGRAMA

Este cronograma tem o objetivo de acompanhar e organizar a pesquisa em atividades mensais.

Atividades a serem desenvolvidas por ano/ semestre	2018-2019		2019-2020		2020-2021	
		2º Semestre	3º semestre	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre
Aulas presenciais						
Seleção de materiais de leitura bibliográfica						
Confeccões de fichamento da bibliografia e recolha de dados.						
Reelaboração do Projeto						
Construção do texto da Monografia						
Defesa						

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: HUCITEC/UNICAMP, 1992, p.275.

SANHA, Pe.abulai. **Funeral d os balantas patch no contexto da pastoral funerária cristã, para uma evangelização inculturada e um diálogo convergente**. Monografia (licenciatura) Seminário Maior Dom Settimio Arturo Ferrazeta em Bissau, 2014.

ALMEIDA, S. G. de; PETERSEN, P.; CORDEIRO, A. **Crise socioambiental e conversão ecológica da agricultura brasileira**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2001, p.122.

CAMMILERI, Pe Salvatore. **A identidade cultural do povo Balanta**, Edições, calibri e Faspebi, Lisboa Novembro, 2010.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Escravo ou camponês? O protocampesinato negro nas Américas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ESPINHEIRA, C.G.D. **Metodologia e prática do trabalho em comunidade**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONTANELLA, B. J. B., RICAS, J., TURATO, E. R. (2008) **Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas**. Cadernos de Saúde Pública. 24(1), 17-27.

GABRIEL, Isna. **Danaças do povo brasa (Balanta) da Guiné Bissau na contemporaneidade: kussunde, kanta po e broska**.2016. monografia (Bacharel em Humanidade)-Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2016.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. (Org.). **Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2015.

GUANZIROLI, C.; CARDIM, S. E. (Coord.). **Novo Retrato da Agricultura Familiar: O Brasil redescoberto**. Brasília: Projeto de Cooperação Técnica FAO/INCRA, fev/2000. 74 p. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/fao/pub3.html>.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo. Parte I**. 6º ed. Petrópolis: Vozes 1997.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados demográficos – Informações gerais**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 07 de abril de 2018.

JUNIOR, José Provetti. **A alma na Grécia a origem do indivíduo no ocidente**.2000. monografia submetida como requerimento para obtenção de graduação de graduação em filosofia. Rio de Janeiro,2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares de Parentesco**. Editora Vozes, 1976.

LOPES, Carlos. **Etnia, Estado e relações de Poder na Guine Bissau**. Lisboa Edições 70. 1987.

LOPES, Carlos. **Transição histórica na Guiné Bissau** – dos movimentos da Libertação nacional ao estado. Instituto Nacional de Estatística e Pesquisa. 1987.

PINTO, Paulo. **Tradição e Modernidade na Guiné Bissau**: uma perspectiva interpretativista do subdesenvolvimento. *Dissertação de mestrado*. 2011.

PRONAF. **Manual operacional do crédito rural**. SAF/MDA. [www.mda/saf.org](http://www.mda/saf.org) . (2002).

SANSONE, Lívio. **Negritude sem Etnicidade**: o local global nas relações racial e na produção cultura negra no Brasil. <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8750/3/Negritude%20sem%20etnicidade%20Copy.pdf-Acessado> em 03. Out. 2018.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n.51 São Paulo, 2003.

SEMAP: Secretaria de meio ambiente, agricultura e pesca. São Francisco do Conde, 2018.

SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa dos balanta**: usos, costumes e rituais. 2015. 68 f. Monografia (Bacharel em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2015.

SILVA, D. A. **A Independência da Guiné Bissau e a descolonização Portuguesa**. Coleção TEXTO. 1997.

SIMÕES, Landerset. Babel negra: **etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné**. Porto: O COMÉRCIO DO PORTO, [1935?].

VEIGA, J.E; ABRAMOVAY, R.; EHLERS, E. **Em direção a uma agricultura mais sustentável**. in: Patrimônio ambiental brasileiro, organizado por Wagner Ribeiro, São Paulo: Edusp/Imesp, 2005.